

[Publicado na Agália, n.º 63/64, pp. 257-276]

"Os moldavos: Roménia, Rússia e as políticas de cultura", de Charles King.

Dedicado a Klaus Bochman

Valentim RODRIGUES FAGIM
(Santiago)

Umha das frentes dialécticas entre reintegracionismo e isolacionismo visa a procura de contextos internacionais de índole sócio-linguística onde assentar similitudes com o próprio conflito galego. É assim que desde o isolacionismo se alude, entre outros, ao eslovaco¹, ao esloveno², ou o bielorusso³. Pola sua parte, desde o reintegracionismo tenhem-se situado, igualmente entre outros⁴, os contextos flamengo⁵, valenciano⁶ ou cosovar⁷.

Este artigo pretende dar a conhecer um manual fundamental em torno ao conflito moldavo, publicado em Stanford, Califórnia, pola Hoover Institution Press no ano 1999 sob o título de *The Moldovan: The History, Culture, Language and Contemporary Politics of the People of Moldova*. O autor, Charles King, é professor assistente na *School of Foreign Service* e no *Department of Government* na Universidade de Georgetown. Entre as suas publicações inclui-se *Nations Abroad: Diaspora Politics and International Relations in the Former Soviet Union* (como coeditor) e numerosos artigos em torno à área oriental da Europa.

¹ Hermida, A., 2000, Norma Lingüística e Consciencia nacional: o caso eslovaco. *A Trabe de Ouro* 44: 53-58.

² Monteagudo, H. (dialogando com C. Nogueira) em www.vieiros.com/noticia.asp?Ed=18&N=8372

³ Santamarina, A., 1995, Norma e Estándar. Em *Estudios de Sociolingüística Galega*, Galaxia, Vigo:71. "Áchase, xa que logo, o galego (como o eslovaco e o checo, o croata e o serbio [...], o macedonio e o búlgaro [...], o noruegués e o danés, konkani e marathi [...], o bielorruso e o ruso (ou o polonés segundo a época [...]) nun deses casos de clasificación problemática"

⁴ Eu próprio em trabalho que se publicará em 2001, *O Galego (Im)possível*, Laivento, Santiago, argumento similitudes, de diferentes ángulos, com o flamengo, valenciano, malaio, suíço-alemão, quebequês, valdostano e provençal, entre outros.

⁵ Carvalho Calero, R., 1983, O Voo do Flamengo. Em *Da Fala e da Escrita*, Galiza Editora, Ourense: 69-71.

⁶ Maceira, José Luís, 1994, O dialeto valenciano-central da lingua catalã e o seu interesse para o estudo dos falares galegos do portugués; atas do *Congresso Internacional de Língua, cultura e literaturas lusófonas*, Temas do ensino de lingüística, sociolingüística e literatura, Pontevedra-Braga.

⁷ Álvarez Emparantza, J.L., 1989, Modelos de Normalización Lingüística en Yugoslavia em *II Congreso Internacional da Língua Galega*, AGAL, Santiago: 69-73.

Os compartimentos do manual respondem a um critério cronológico envolvido com a soberania do território: I) antes e durante a inserção na Grande Roménia, II) durante a inserção na URSS e, finalmente, III) durante a independência. Antes de referenciar cada uma das partes do volume acho pertinente uns apontamentos geográficos, pelo que possam servir de situacionamento. A actual *República de Moldova*, nome oficial, soma 33.700 km² e em 1989 contabilizava 4.335.360 habitantes. É a menos urbanizada das ex-repúblicas soviéticas com 40% da população a trabalhar no sector primário. Por fim, situacionalmente está encaixada entre a Ucrânia e a Roménia, dado este que tem marcado a sua história de um jeito fulcral.

A tradução tencionou ser o mais respeitosa possível com o original, seleccionando aqueles trechos que podiam ter maior interesse para o seu contraste com o contexto galego.

Parte 1: Bessarábia entre a Roménia e a Rússia

No Leste da Europa, de largo predomínio eslavo, existe uma ilha de latinidade constituída fundamentalmente polos estados romeno e moldavo, numha mancha que se espalha aos países vizinhos. Isto nom se traduziu numha realidade gregária comum, de facto ou imaginada, no Medievo. Na verdade, nas crónicas da altura e segundo o escritor, frente aos valacos, os habitantes do território em análise eram moldavos, frente aos polacos e húngaros eram romenos e frente aos turcos eram cristãos. Ao período feudal seguiu o domínio turco que abrange desde 1538 até 1812 e a este o russo, 1818-1918, que ocupou a maior parte do que é a actual Moldávia, e que conhece o nome de Bessarábia.

Em 1854, o russo tornou-se o único idioma oficial, o moldavo foi desterrado das escolas e os livros romenos proibidos. Em 1871 passou de ser uma região imperial a uma província. Outra medida russificadora do território foi a subordinação da igreja bessaraba ao patriarcado moscovita. Ora, a questão nom era tanto russificar como lograr a lealdade ao czar e ao império. Quanto às cidades, estas ficaram povoadas por russos, judeus e moldavos russificados enquanto os moldavo-falantes ficavam relegados no âmbito rural. No entanto, a revolução de 1905 dará ímpeto a discussões radicais e círculos literários que já se começaram a formar entre os intelectuais bessarabos na segunda metade de XIX:

1) Em torno ao jornal *Basabia*, nuclea-se um grupo que exige o autogoverno e a oficialização do moldavo. Depois de um ano e após publicar o incendiário poema *Romenos, acordai!* é clausurado polo poder local. O seu

sucessor, que durou meses, estava já escrito em dous formatos, cirílico e latino.

2) Em torno ao semanário *Moldovanul* está representada a cara mais moderada do nacionalismo local em Bessarábia, a representar os interesses dos nobres moldavos leais a Sam Petesburgo, cujos partidários eram reticentes a repletar a legitimidade do regime czarista. Este grupo rivalizava com os pan-romanistas.

3) Membros das elites russas e moldavas com um grau de lealdade inquebrantável à Rússia e ao Czar.

No entanto, o grau de precariedade era altíssimo. Como notava um escrito da época: a imensa maioria dos professores nom tinham qualquer familiaridade com a cultura romena -desconheciam o alfabeto latino- e nenhuma consciência nacional.

O final da I Guerra Mundial suporá a eclosom da Grande Roménia a incluir a Bessarábia, sem qualquer tipo de consulta popular, fruto de umha votação parlamentar quando as tropas romenas somavam vários meses a ocupar o território. Este novo estádio tivo várias repercussões:

1- Infraestruturas e meios de comunicação social a unir ambos os territórios.

2- Romanização legislada de judeus, ucranianos e russos: ensino, religiom, administração. Iguamente, procedeu-se a romanizar a população moldavófona mas sem grande sucesso. A introdução, pola primeira vez no território, do alfabeto latino frente ao cirílico do russo estivo longe de popularizar-se.

3- As elites moldavófonas que votaram a unificação, por sua parte, manifestaram-se incapazes de competir com as elites romenas, e em poucos anos eles foram absorvidos polos velhos partidos políticos, os liberais e o Nacional dos Camponeses, e qualquer mostra dos bessarabos como um bloco distintivo regional tinha desaparecido completamente.

Pola sua parte, o poder soviético, agora dominante na Rússia esteve longe de renunciar à Bessarábia. Além das pertinentes reclamações diplomáticas, em 1924 era criada a República Autónoma Soviética Socialista de Moldávia no interior da Ucrânia, com 7.516 km², nom albergando nem um terço de população moldava. As intenções evidenciavam-se nesta publicação soviética: a criação da MASSR é o começo da libertação da Bessarábia. Logo que o crescimento económico e cultural da Moldávia tenha começado, os dirigentes da Roménia aristocrática ham-se ver incapazes de manter o seu domínio na Bessarábia.

Esta estratégia que se empregou noutras latitudes [Carélia-Finlândia ou Buriat-Mogol] tinha sempre a mesma focagem: o esforço por empregar políticas nacionalistas e de construção nacional como ferramentas de política exterior, quer dizer, contrárias às reivindicações de "nacionalistas burgueses" nos estados vizinhos utilizando os seus próprios termos.

Um dos subcapítulos mais reveladores, na minha apreciação, é o intitulado "Forging a Soviet Moldovan Nation", onde se descrevem as linhas fulcrais dos esforços soviéticos por construir um novo indivíduo nacional e linguístico para o Universo das nações e das línguas.

Começa indicando que o estabelecimento da MASSR em 1924 serviu a duas importantes metas na emergente política exterior da União Soviética. Primeiro, a nova república facilitava a penetração da propaganda soviética no reino de Roménia, aliás, preparando o terreno para uma revolução socialista romena. Segundo, assegurava-se que a questão bessaraba ficasse como um assunto a tratar nas políticas internacionais e uma espinha para os diplomatas romenos na Liga das Nações. No entanto, a origem dos esforços por construir uma identidade moldava distintiva não respondia apenas às necessidades da política exterior soviética. A construção nacional moldava na MASSR emergiu não só como um simples produto suplementar do expansionismo soviético mas como realmente o resultado de uma interacção de objectivos centrais de política exterior, existindo formas de identidade indígena, e as agendas de elites culturais e políticas no interior mesmo da república autónoma. Os planificadores culturais eram conscientes da importância fulcral da política que veio a ser conhecida como "moldavização", mas eles não eram mais do que simples executores da política elaborada pelo poder central soviético. Disputas profissionais entre linguistas e historiadores e uma crença genuína entre muitos deles de estar a ajudar a libertar os moldavos da opressão dos patrões capitalistas de Bucareste, desempenhou um papel na conformação de uma ideologia de diferenciação nacional na década de 20.

Esta moldavização abrangeu várias vias:

1) Criação de uma língua moldava. Um dos seus principais construtores, Pavel Chior, arguia que o padrão romeno, inchado de galicismos, tornara ininteligível para a população moldava e que "podemos usar esta diferença entre a língua da classe dominante e a classe explorada, se não queremos perder de vista aspectos da nossa ortografia"⁸

No que diz respeito ao corpus, a primeira tarefa dos especialistas foi seleccionar um dialecto que servisse de base para um padrão literário

⁸ pag. 64

moldavo, recaindo esta função no da Bessarábia central. Quanto ao alfabeto, a adopção do latino e progressiva galicização do romeno desde o século XIX tivera escassa influência na Bessarábia. Os principais textos pré-revolucionários emanados de autores moldavos, nomeadamente gramáticas e dicionários, empregavam a ortografia cirílica. Os linguistas moldavos, na defesa desta ortografia, falavam mesmo de uma dívida com aqueles precursores. Para coordenar todo isto nasce, em 1926, O Comité Científico Moldavo [CCM], encarregado de um estudo que compreendesse a região e a cultura da população moldava, assim como a difusão deste conhecimento científico.

As figuras da moldavização foram várias: o já citado Pavel Chior, cuja consciência política coincidiu com o nascimento do Estado Soviético e Leonid Madan. Firme defensor da independência do moldavo a respeito do romeno, elaboraria uma gramática, editada em 1929, que recolhia em grande medida os argumentos e dados tirados de um Congresso celebrado três anos atrás sob o título de "Diferenças entre romeno e moldavo". Os seus argumentos alicerçavam em:

- As influências que numerosos povos exerceram sobre o moldavo a respeito do romeno [polacos, tártaros, turcos, gregos, russos, ucranianos...]
- Diferenças raciais, como a estrutura do crânio ou a cor do cabelo e os olhos.
- A incidência da Revolução que acelerara a diferenciação, uma língua proletária frente a uma língua burguesa.

No terreno mais concreto da terminologia, as raízes populares usadas pela subsecção eram, na verdade, principalmente empréstimos russos ou decalques, destinados primariamente a incrementar a distância entre o moldavo e o romeno padrão. Muitas, no entanto, teriam sido ininteligíveis para os camponeses moldavos, e algumas mesmo mais do que os termos de inspiração francesa que foram introduzidos na literatura romena desde 1860.

Eis alguns exemplos:

Romeno	Russo	Moldavo
autoadministrare	samoupravlenie	sîngurcîrmui
cravată	galstuk	galstush
dicţionar	slovar'	slovari
monoton	odnoobraznyi	unofelnic
februari	fevral'	făurari

II) Moldovizando as massas.

Em 1923, inicia-se em todo o território soviético a política de *indigenização* que incluía várias acções no caso concreto da Moldávia: 1) moldavizar os quadros dirigentes 2) umha especial atençom às mulheres, nomeadamente, às analfabetas 3) construir escolas moldavas e promover neste campo o moldavo 4) criar umha indústria editora em moldavo 5) espalhar a revolução e construir o socialismo através de programas educacionais na língua nativa, campanhas maciças de alfabetização e outras áreas de educação pública.

No que respeita ao primeiro ponto, a política seguida permitiu um incremento inicial da presença de moldavos mas foi precisamente neste sector onde se concentraram as purgações que em 30, sob a acusação de nacionalismo chovinista, se operaram em todos os territórios nom russos da União Soviética. O ensino do moldavo chocou com a falta de técnicos qualificados e escassa motivação dos e das alunas, umha vez que os estádios educativos mais altos estavam em ucraniano. Quanto às publicações é esclarecedora a história do jornal *Plugarul roş*. Sempre escrito em cirílico, numha primeira fase fora fortemente criticado por ser "demasiado romeno" enquanto a gramática e o vocabulário usado pola corpo editorial eram denunciados por estranhos aos camponeses. Nos últimos 20 moldovanizou-se totalmente adoptando a gramática de Madan e entom foi atacado por artificial e ininteligível, escrita numha estranha língua inventada por um quadro editorial mais preocupado de diferenciar a língua do romeno do que comunicar-se com os camponeses moldavos. Por fim, no que diz respeito à alfabetização das massas e à política educativa, constatou-se o fracasso por vários motivos: a intransigência das instituições locais, o baixo nível de instrução dos camponeses e a sua desconfiança dos programas políticos de educação, a falta de instrutores preparados e materiais educativos, e os incompreensíveis neologismos das diferentes publicações. Tudo isto, empecuou o trabalho da CCM.

III) Ataques aos moldavizadores.

A finais de 1920 e começos de 1930, por toda a União Soviética tivo lugar ataques decisivos contra as elites que levaram adiante a indigenização: escritores, académicos, figuras políticas... Os esforços na Bielorrússia por desrussificar a língua foram denunciados como umha tentativa de romper os laços entre a Bielorrússia e o resto da União Soviética. A mesma acusação receberam os otomanizadores em Azerbaijám. Em 1930, na Moldávia, umha resolução especial do Comité central apoiava levar a cabo umha luta mais decisiva contra o chovinismo moldavo, considerado como um desvio pola direita. Isto colocava a Chior e o CCM num beco sem saída; pressionados para construir umha cultura moldava, em parte para servir os interesses dos

estrategos soviéticos, eram agora criticados quando a cultura que eles construíram falhava devido ao peso da influência reitora dos russos.

Em 1931 Chior é enviado a Moscovo e ocupa o seu lugar Ivan Ocinschi, o qual passara a maior parte da sua vida fora de MASRR e que devia servir para travar a influência de Madar e outros moldavizadores radicais. O Comité da CCM demitiu-se e desde entom *Madanismo* e *Madanista* passou a designar nom só a artificialidade em política cultural, mas a tentativa de "separar a cultura moldava da benéfica influência de russos e ucranianos"

IV) A construção nacional invertida: o alfabeto latino

Umha resolução local do partido em 1932 anunciou a transição ao alfabeto latino. Por que? Para facilitar a influência soviética em Roménia e acelerar o dia em que o poder soviético incluiria nom só a Bessarábia ocupada mas as terras romenas ao oeste do Rio Prut. O próprio Ivan Ocinschi contemplava agora vantagens neste alfabeto, entre outras, facilitar a aprendizagem doutras línguas, nomeadamente o esperanto ou ser mais fácil de aprender.

Embora a campanha de latinização tivo escasso impacto no território tomado na sua totalidade, sim que operou trocas significativas ao nível da cultura oficial moldava. Com a introdução do alfabeto latino, a língua usada nas escolas, publicações, administração e outras esferas tornou moldava apenas polo nome. Aliás, era romeno assim como a reedição da gramática de Madan, na que participou o próprio autor, que se fijo por inteiro romena.

V) O regresso ao alfabeto cirílico

Em 1938, umha resolução do Comité central executivo da MASSR oficializa a grafia cirílica novamente: "Inimigos do povo operando em Moldávia tenhem levado a cabo umha política hostil na frente da construção nacional e cultural, poluindo a língua moldava com palavras e termos romenos de salom burguês e introduzindo o alfabeto latino o qual é ininteligível para os trabalhadores moldavos"⁹ Um editorial de *Moldova Socialistă* era transparente a este respeito: a transição para o alfabeto russo é um grande golpe contra o Trosquista-Bukarinista-burguês-nacionalista-inimigos-do-povo-agentes-do-fascismo que desejam romper a florescente Moldávia soviética da União Soviética. Durante semanas, listas de palavras foram preparadas para ilustrar a "poluição da língua moldava por palavras romenas" e distribuídas no partido e as instituições locais. Ora, no novo padrom nom se incluíram os neologismos dos anos 20 polo que o novo padrom nom era mais do que umha versom

⁹ pag. 85

cirílica do romeno literário - um compromisso entre os construtores radicais de cultura de 20 e a igualmente radical política pro-romena de 32. Esta cirilização foi maciça em todos os territórios soviéticos. No caso da MASSR, o giro para a direita da política doméstica romena -com o triunfo do totalitarismo- provocou em parte este movimento ortográfico relegando a anterior política de aproximação cultural de 1932.

Os diferentes quadros políticos e culturais da MASSR foram removidos, Madan, Pavel Chior e o próprio Ocinschi acusados de nacionalistas, burgueses e qualificativos semelhantes. A MSC foi duramente atacada e purgada. Dos nove membros do politburó local eleitos em 37 só um sobreviveu até Setembro desse ano, acusados de "inimigos do povo". Os primeiros secretários do Partido local assim como os membros do Comité Executivo Central foram arrestados e executados. Nada ficou que certificasse a existência das elites culturais e políticas moldovanizadoras. As publicações de Madan e os seus colegas da MSC foram banidas das bibliotecas (3.321 volumes).

2. Moldávia como umha república soviética

Se a segunda guerra mundial supujo a integração da Bessarábia na Roménia, a segunda, aliada Roménia com as potências fascistas, traduziu-se na integração da Bessarábia na União Soviética após 90.000 vítimas da onda de repressão e deportações que imediatamente seguiram à anexação. Umha reestruturada Moldávia emergirá com 2,4 milhões de hab., dos quais 68,8 moldavos, e umha extensão de 33,700 km².

Em termos demográfico-económicos desenvolver-se-iam dous universos, um rural e moldavo, a trabalhar no sector primário e a indústria agrícola ligeira e um outro mais urbano, eslavo e geralmente população emigrante a trabalhar na indústria pesada. Isto terá as suas correspondências nos quadros dirigentes, tendo que esperar até 1989 para que o primeiro secretário seja natural da Bessarábia. Os restantes serão da Transnístria, a Moldávia mais russificada ou ucranianos. Igualmente, a percentagem de moldavos no Partido Comunista da Moldávia em 1940 era de 17,5% frente a 52,5% de ucranianos (embora estes só representassem 11,1% na totalidade do território). Outras minorias importantes eram a russa, a gaugaze (turcofonos cristãos ortodoxos), os judeus e os búlgaros. Aliás, as elites locais não eram moldavófonas.

1) Relações soviético-romenas e a questão bessaraba.

No que diz respeito à atitude das elites romenas, a atitude mais comum foi o silêncio. Após a guerra, os comunistas romenos se encontravam na difícil situação de pagar tributo a um regime estrangeiro que tinha anexado porções

significativas de território romeno e que continuava a elogiar a anexação como umha evidência do internacionalismo benevolente da União Soviética.

No entanto, a partir de 60, a Roménia embarca-se numha hesitante política de diferenciação a respeito da União Soviética em certas áreas. Houve certas disputas entre Moscovo e Bucareste a respeito de Bessárbia que funcionavam mais como um barómetro do conjunto das relações entre ambos os países do que umha causa de controvérsia em si própria.

II) A Romanização silenciosa dos intelectuais moldavos.

Com a anexação moldava por parte da URSS, a política soviética centrou-se no cultivo de umha identidade diferenciada moldava, mas longe da indigenização extrema anterior. No terreno da ortografia, frente às seis mudanças do período entre 1925-1941, até 1989 apenas a introdução de umha nova letra marca a escrita moldava. A nova política podia resumir-se em romenos e moldavos eram diferentes mas sem tentar realmente construir esta diferença.

Será no período soviético, a pesar das críticas das elites culturais moldavas contra a russificação, quando se viva a tranquila aceitação do padrão literário romeno (embora com ortografia cirílica) como a norma linguística para a MSSR e, por extensão, a gradual romanização da vida intelectual moldava. De facto, em 1980, excepto o alfabeto e os empréstimos russos, pouco havia que distinguisse os dois códigos, aliás, acontecera umha convergência gradual na gramática, a pronúncia e o léxico. Não se publicou qualquer dicionário moldavo-romeno (embora isto sim teria sido possível com um dicionário baseado nas falas dos camponeses ao estilo de Madan).

A criação de um Instituto de Língua e Literatura permitiu a emergência de umha geração de expertos nascidos em Bessarábia dedicados a promover umha feição correcta de língua que era invariavelmente romeno urbano mais do que palavras distintivamente moldavas e construções encontradas no país. Desde o momento em que os mais educados e mais alfabetizados falantes de moldavo não manifestavam os traços que os definiriam essencialmente como moldavos, a dissonância entre a palavra erudita e o facto linguístico tornou cada vez mais aparente.

A isto há que unir, em finais de 60 e em 70, quando os debates entre eruditos romenos e moldavos estavam no seu zénite, a aparição de um amplo número de publicações em Ocidente denunciando as políticas nacionalistas soviéticas e a desnacionalização romena da Bessarábia.

III) Tendências sociais na Moldávia soviética

Em 1989, após a Ucrânia e a Bielorrússia, a Moldávia era a república mais russificada, onde apenas 11,2% dos russos étnicos tinham um domínio fluído do moldavo, porcentagem que era similar para os restantes grupos étnicos. Isto compensava-se em parte com a progressiva moldavização que se operou nos centros urbanos, de 14% em 1897 até 46% em 1989. Um outro dado de interesse era que enquanto noutras minorias, nomeadamente os ucranianos, dava-se umha expansão do russo como língua materna e central, no caso moldavo, os moldavos romenos tendiam a expandir o seu repertório linguístico mais do que a adoptar o russo às custas da sua língua ancestral.

Em termos demográficos, em 1989, presenciava-se umha economia baseada na agricultura, umha sociedade amplamente rural com o campo povoado principalmente por membros do grupo indígena e as áreas urbanas por umha massa de imigrantes recentemente chegados do campo a competir com populações russas, ucranianas... que sustentaram as rédeas do poder político e económico. Os moldavos étnicos que se deslocaram as cidades nom abandonaram a sua língua nacional e passaram a morar num ambiente em que seriam facilmente atingidos, por jornais, TV e outras formas de comunicação de massas.

IV) Língua e mobilização étnica sob a perestroika.

As maiores mudanças políticas tiveram lugar em meados de 1988 quando as políticas de Mikhail Gorbachev de reestruturação económica e abertura política começaram a transformar o sistema soviético. Um dos objectivos da perestroika era o emprego de todas as línguas nacionais (incluído o russo) nas escolas. O primeiro secretário da MSSR, Semion Grossu, no entanto, acentuava que qualquer dos problemas linguísticos na república seriam resolvidos fomentando o grande "bilinguismo nacional russo", quer dizer, promovendo o uso tanto de moldavo como de russo, antes que dando prioridade a umha sobre a outra.

Em torno ao verão de 1988 surgiram movimentos organizados que o C. King etiqueta como *informals*, e a incluir eminentes escritores, jornalistas e educadores que reclamavam ao Partido Local incrementar as possibilidades educativas na língua moldava e tratar aqueles aspectos que ficaram proibidos na história bessaraba. Ainda nom eram um partido político, umha vez que só o Partido Comunista podia deter esse posto. Segundo avançou o ano, três demandas destes grupos cobraram maior relevância: que o governo republicano reconhecesse a identidade entre as línguas romenas e moldavas, que o moldavo fosse declarada a língua oficial da MSSR, e umha mudança para o alfabeto latino.

Desde o Partido, os círculos conservadores denunciavam os seus movimentos como umha ameaça contra a ordem pública fomentada por "nacionalistas" e "kulaks". No assunto da língua, a posição dos quadros dirigentes do partido nom se alterou:

- 1) Nenhuma língua deveria ter um estatuto oficial privilegiado
- 2) Havia que desenvolver plenamente o bilinguismo nacional russo umha vez que o russo era a língua natural da comunicação inter-étnica entre o moldavo e as repúblicas soviéticas.
- 3) O alfabeto cirílico servira durante muito tempo aos moldavos e correspondia-se exactamente à estrutura fonética do moldavo, nom só a transição ao alfabeto latino afectaria negativamente ao desenvolvimento cultural da nação e tornaria a população da república analfabeta, como o custo do equipamento para a mudança tipográfica tornaria proibitivamente caro.

Quanto as relações entre moldavos e romenos as teses oficiais eram:

Nom existe qualquer dúvida de que moldavo e romeno som línguas do mesmo grupo romance. Entre elas, de facto, nom existem mutuas diferenças. Porém, o reconhecimento de este facto, a identidade [de moldavo] com outras línguas do seu mesmo grupo romance, nom poder servir como umha razão real para renunciar a umha em favor da outra.

Isto é, romeno e moldavo eram, ao mesmo tempo "idênticos e diferentes".

A reacção dos *informals* provocou a retracção do governo e a concessão de umha gradual transição para o alfabeto latino. É mais, desde o poder argumentou-se que a transição para o alfabeto latino suporia umha vantagem económico ao poupar-se um 10% de caracteres por página. No resto, nom houve ainda cessions. O próprio Grossu afirmava que na sua morada o russo e o moldavo eram falados com absoluta igualdade de frequência. No que respeita à identidade do moldavo, era evidente que a latinização da ortografia aproximava tanto as duas línguas literárias que era mesmo impossível distingui-las. Os argumentos oficiais tornaram entom mais "bizarros" arguindo Grossu que embora a grafia fosse a mesma, seguiam sendo línguas diferentes já que romenos e moldavos "falavam de jeito diferente" ou no terreno dos símbolos, via-se inviável a bandeira romena que usavam os *informals* já que era usada por outro estado: o Chad.

Com motivo das eleições, os *informals* tiveram a possibilidade de demonstrar o seu poder e apoios, e embora nom pudessem concorrer como

partido, conseguiram vários escaños como independentes e provaram que tinham tornado umha formidável ameaça para a hegemonia do PCM".

Em 1989, o Soviete Supremo da MSSR adoptava três novas leis para a língua que declaravam o moldavo como a língua oficial da república, ordenava a transição para o alfabeto latino, reconhecendo implicitamente a unidade das línguas moldava e romena, e propunha um extenso programa para estender o uso do moldavo no governo, no ensino e na economia nacional. Em Maio desse mesmo ano nascia o *Frente Popular de Moldávia*, e pouco depois duas minorias estabeleciam as suas próprias plataformas nacionais, *Edinstvo*, eslava e *Gagauz Halki*, gaugaza.

Desde este momento as demandas do FPM deixaram-se de concentrar na questom linguística: total soberania nacional, a incluir o controlo local de todos os recursos e o poder de veto sobre aquelas leis que contravinhessem as leis da república, assim como controlo sobre as relações com poderes estrangeiros, umha lei de cidadania e o direito de secessom da URSS.

Este movimento nacional inclui umha variedade de actores políticos diferentes, todos os quais foram brevemente unidos sob o lema do renascimento nacional e a reestruturação política. Secundaram mudanças culturais -e eventualmente políticas- por razons que frequentemente tinham menos a ver com o sentimento nacional do que com que assegurar as suas próprias posições na tumultuosa política da era Gorbachev.

3. Independência e conflito

1) Políticas, Identidade e Reforma depois da Uniom Soviética.

Nas eleições de 1990, 27% dos escaños do Soviete Supremo caíram em candidatos vinculados ao FPM e com o apoio de comunistas reformistas obtiveram o completo controlo do corpo legislativo. Em 1991, o parlamento proclamou a República de Moldávia. Umha versom da bandeira romena tornou símbolo nacional. Pouco antes, foram proclamadas as repúblicas da Gaugázia e do Dnestr moldavo.

No que diz do FPM, umha vez alcançados os seus objectivos, abria-se um campo de questons a dilucidar. Para os pan-romanistas, a lógica culminação das actividades do Frente passavam nom só pola destruição da identidade moldava mas também do estado moldavo. Para as figuras mais moderadas, os propósitos da organização eram promover o incremento dos



laços culturais e económicos com Roménia, entanto se procedia mais lentamente com a uniom política.

Em 1992, o FPM tornou partido político, o *Frente Popular Democrata Cristám* e nos seus estatutos incluiu-se a seguinte política de intenções: o FPDC mantém o seu estatuto como um movimento nacional e unionista cujo maior objectivo é a reintegração no estado unitário romeno. Iguamente, foi rechaçado o nome de "República de Moldávia" em favor de "Bessarábia" Esta tomada de posição supus o declive do FNM e a perda de boa parte dos seus apoios, dando lugar a novos partidos ou a passagem dalguns dos seus líderes para a Roménia.

Um desses partidos, o *Congresso da Intelectualidade*, recolhia nos seus estatutos umha "integração gradual no económico e o espiritual com a Roménia" em lugar da imediata uniom político demandada pola velha Frente. O cisma entre o pan-romanismo duro e brando permaneceu na cena política moldava vários anos depois da independência. Outro resultado da radicalização da militância pan-romena quanto às relações com Roménia e a CEI foi a radicalização daqueles grupos que apoiaram a independência moldava. O mais destacado, o *Partido Democrático Agrário*, composto na sua maior parte polos anteriores comunistas agro-culturais e a elite agro-industrial, os quais repetidamente acentuavam que a Moldávia nom deveria tornar umha simples província nem da Roménia nem da Rússia. A asa mais radical deste grupo mesmo brandia um renovado moldovarismo que tornou um dos princípios da Plataforma Agrária e umha ideologia promovida polo porta-voz mais proeminentes deste grupo, Mircea Snegur.

Através de 90, a geografia política moldava tornou mais complexa. Nas primeiras eleições parlamentares post-soviéticas de 1994 vários eram os programas. Num extremo das gamas estavam os pan-romanistas que contemplavam na unificação com a Roménia a única salvação para um país ameaçado pola crise económica e o separatismo territorial. No outro extremo, a coalizom ultraconservadora que rechaçava o movimento nacional e demandava o retorno a Uniom Soviética. Outros grupos apoiavam o mantimento de um estado moldavo independente participando nalgumha, mas nom em todas as estruturas da CEI, Comunidade de Estados Independentes, herdeira da URSS. Outros, em fim, encorajavam os votantes a ignorar os apelos nacionais e a encarar a privatização e a reforma agrária.

Os resultados destas eleições foram: *Partido Agrário Democrático* [moldavistas] 43,2%, *Bloco Unido socialista* [russistas] 22,0 %, *Bloco de*

camponeses e intelectuais [pan-romanistas moderados] 9,2 % e *Frente Popular Democrata-Cristám* 7,5% [pan-romanistas]

No que diz de Snegur, primeiro presidente da República independente de Moldávia, que no passado falara de da necessidade de fechar a integração cultural e económica com Bucareste, desde a sua nova situação, denunciou o pan-romanismo como de traição e acusou os escritores e historiadores de Moldávia por duvidar da legitimidade e fundamento histórico do nosso direito a ser um estado, a chamar-nos a nós próprios de povo moldavo. Quanto a língua, regressava-se a discursos anteriores: "Na minha opinião como falante médio desta língua [moldavo], não podemos negar que os nossos irmãos ou as nossas irmãs [na Roménia] falam um pouco diferentemente do que o fazemos nós. A aceitação desta diferença foi característica através da história, e não sei porque agora estamos a fazer como se pudessemos esquecer isto."¹⁰

Os discursos de Snegur levantaram as críticas dos intelectuais, em especial historiadores e linguistas. Umha carta aberta do presidente do Instituto de história fazia um paralelo entre a Moldávia/Roménia com Milão ou a Veneza/Itália.

O certo é que o moldavinismo de Snegur ajudou ao seu partido a alcançar a maioria absoluta enquanto os pan-romanistas não alcançavam 17% dos votos válidos. Um referendo patrocinado pelo governo pouco depois das eleições constatava que 90% dos participantes votaram sim a umha república independente no interior das fronteiras post-soviéticas. [Porém, em 96, o mesmo Snegur reclamará que o romeno seja declarado língua oficial e dois anos depois aliara-se com os herdeiros do Frente Popular para as eleições parlamentares]

Outro dos triunfadores foi o *Bloco Unido Socialista*, formado pelo movimento *Edinstvo* e o *Partido Socialista*, o herdeiro mais directo do antigo Partido Comunista, e que reclamavam, entre outras coisas, o uso do russo como língua oficial.

O novo parlamento desfez muitas das reformas frentistas dos primeiros 90: substituir o hino "Acorda, Roménia" por um outro, temporalmente "A nossa Língua". A língua oficial foi descrita como "moldavo" e o artigo 13 que versava

¹⁰ pag. 156

sobre ela nom fazia já qualquer referência às relações entre aquela e o romeno. Os testes de língua para obter emprego público foram suspensos.

Em 1996, no entanto, Snegur é derrotado nas presidenciais por Petru Lucinschi, que fora o penúltimo primeiro secretário do Partido Comunista Moldavo e que ideologicamente estava perto do seu rival excepto na sua convicção de que Moldova estaria melhor restabelecendo os seus vínculos com a Rússia.

As parlamentares de 98 vam supor umha troca importante com a vitória do *Partido dos Comunistas* com 30,1% dos votos, seguidos da pan-romena *Convenção Democrática* de Snegur com 19,4%, um aliança de partidos a apoiar a Lucinschi, com 19,1% e os pan-romenos moderados do *Partido de Forças Democráticas* com 8,8%. No entanto, os compartimentos no interior da política moldava permaneciam inalteráveis: um bloco pan-romeno apoiado pola pequena e criativa intelectualidade, e moldavos que saíram beneficiados com as reformas dos primeiros 90; um bloco vasto centrista comprometido a manter as suas posições de poder no interior do sector da agricultura privatizada e agro-industrial e motivado mais polo patronato que pola ideologia de partido; e umha ressurgente esquerda composta tanto polos desafectas minorias étnicas com as mudanças posteriores a 1989 como um crescente quadro de moldavos insatisfeitos com as brigas políticas e a declínio de nível de vida causado pola transição económica.

No que diz da Roménia houve muitos movimentos: foi o primeiro país em reconhecer a independência da Moldávia. Em dias, estabeleceram-se acordos quanto a embaixadas e consulados; em meses, os bilhetes de identidade de romenos e moldavos serviam para mover-se livremente no país vizinho; oferecimento de livros e docentes; vínculos religiosos... Ora, no que diz das relações entre as elites políticas, estas balançaram entre a irmandade pan-romanista e denúncias de denúncias ásperas segunda quem governar em Chinisau embora o pragmatismo presidia mesmo as actuações daqueles dirigentes menos pro-romanistas. O certo é que à euforia de 1991, com a independência, seguiu um processo de moderação em ambos os países. Além da Roménia, no entanto, as políticas de identidade moldava também eram afectadas por outros processos domésticos e internacionais. A longa história de laços com a Rússia, as crises do separatismo territorial no sul e leste e, mesmo mais importante, a natureza evidentemente multiétnica de Moldávia criava reptos particulares para um novo estado independente.

II) O enigma Transnístrio

A independência de Moldávia e as políticas nacionalistas provocaram a radicalização das minorias eslavas. Este conflito deixou na primeira metade de

1992, 1000 mortos e 130.000 deslocados e refugiados, um conflito que envolveu as tropas russas de Alexander Lebed que afirmava a necessidade de proteger os russos locais contra a política genocida do governo moldavo.

Historicamente, Transnístria nunca fizera parte das terras tradicionais de assentamento romeno. De facto, em 1989, os moldavos somavam 39,9% da população enquanto ucranianos e russos contabilizavam 53,8%. Ainda, os quadros dirigentes moldavos estavam sobre-representados por este território e durante o período soviético tornou-se umha componente central do sector de defesa soviético e a sua indústria pesada. De resto, Transnístria virou com a sua alta concentração de pessoal militar um dos territórios mais soviéticos dentro da União.

As leis linguísticas e a ascensão de umha nova geração de políticos bessarabos ameaçaram a posição dos transnístrios dentro da hierarquia política e social. A sua reacção ao movimento nacional não foi umha revolta de minorias mas umha revolta por umha elite deslocada contra aqueles que ameaçavam deslocá-los dos seus lugares. O centro da oposição era a rede do partido local e das instituições estatais em Transnístria, particularmente os comités executivos da *raion* [divisão administrativa] e os comités coordenados dos negócios industriais.

Quando o parlamento moldavo votou a favor do moldavo como língua oficial, os poderes locais transnístrios votaram contra, na base de que as leis de língua não eram válidas ao leste do rio. Um referendo celebrado em 1990 mostrava 96% da população favorável a um estatuto de autogoverno no interior da MSSR. Em 1991, a maior parte do território já não estava sob o controlo de Chínisau. Em cooperação com os gaugazes, reclamava-se umha federação tripartida com a Moldávia.

O conflito armado foi favorável às elites transnístrias, e desde então este território, que só foi reconhecido internacionalmente pela própria Rússia, funciona como um estado independente, com constituição, bandeira, hino nacional e moeda. Convocam-se eleições regulares, embora não-democráticas, para presidente, parlamento e autoridades locais. Dispõe de um exército de 5000/6000 efectivos provavelmente melhor preparado que o moldavo. Também, a oposição moldavista foi arrestada acusada de crimes contra o estado transnístrio e um deputado da FPM soma umha década preso enquanto os professores de moldavo foram obrigados a leccionar com o alfabeto cirílico se não querem ver as escolas encerradas.

Com umha potente elite entrincheirada no poder em Tiraspol [capital do território], o preço mínimo do acordo parece ser o reconhecimento, *de iure*, do poder que a elite transnístria exerce já de facto - umha elite cuja compromisso

com a democracia, os direitos humanos e o mercado som altamente duvidosos.

III) Os gaugazes

Turcos de religião cristã ortodoxa, somavam em 1989, 197.768 membros na União Soviética dos quais 153.468 na Moldávia, concentrados nas *raions* meridionais. No entanto, o conflito gaugaze evoluiu de forma diferente ao transnístrio. Principalmente, envolvia e envolve, demandas mais a favor de direitos para uma pequena e compacta população étnica do que a devolução de poder a autoridades locais.

A região habitada pelos gaugazes tem sido tradicionalmente despromovida pelos diferentes dominadores. Pela sua parte, a presença de gaugazes na educação universitária, na docência ou na administração estava amplamente infra-representada. A economia assentava na agricultura, embora ser uma região com um clima árido e em 1990 a metade dos meninos das escolas do distrito de Comrat [cabeça do território] tinham desordens funcionais no crescimento.

Os problemas sociais tinham a sua correspondência na esfera cultural. Em 1989, eram a minoria que tinha uma maior percentagem de utentes fluentes do russo. O gaugaze faz parte da sub-família meridional de línguas túrquicas com o turco, o azeri e o turcomano, embora estava muito influenciado pelo moldavo e o russo. Não existia muita demanda entre os gaugazes para um uso além do familiar e oral do gaugaze. O Politburó moldavo aprovou um alfabeto cirílico em 1957 e um programa provisional para ensinar gaugaze que anos depois foi abandonado por programas só em russo. Desde a 2ª guerra mundial só 30/40 livros foram publicados em gaugaze.

Na década de 90 uma série de medidas foram agilizados desde o governo moldavo: reviveram festivais tradicionais e de cultura folclore, nasceu um semanário "Língua mai", abriu-se uma universidade com dinheiro público e contributos privados, aumentou a demanda escolar, surgiram livrarias, uniões de escritores, quotas na TV e rádio moldavas, etc.

No entanto, apesar destes sucessos, os conflitos no interior da própria comunidade gaugaze eram um sério impedimento. Alguns líderes culturais buscavam inspirar uma renascença turca, reordenando a historicamente eslavizada Gaugázia para as suas raízes turcas. Outros abraçavam os componentes russos da cultura gaugaze e apoiavam manter fortes laços entre as comunidades gaugazes locais e a Federação russa. Por razões óbvias, o governo central moldavo tendia a apoiar o primeiro dos grupos, encorajando as

trocas de estudantes com Ancara e Istambul, e aprovando em 1993 um alfabeto latino para o gaugaze aprovado pela Sociedade oficial turca da Língua em Ancara. Estas divisões culturais, no entanto, som indicativas das mais extensas disputas políticas que vieram à tona em 90, nomeadamente após a criação de um distrito administrativo separado gaugaze em 1995.

De facto, em 1990, em torno ao movimento *Povo Gaugaze* já se manifestavam estas duas ópticas. Embora todos contrários ao pan-romanismo do Frente Nacional, uns, a elite do velho partido e da *raion*, tentavam primariamente manter o controlo dos recursos locais dentro da esfarelante União Soviética. Outros, em troca, visavam inspirar umha renascença nacional gaugaze, tal como os seus homólogos em Chinisau tiveram logrado com a cultura nacional moldava. Porém, nom foi até 1994 com a vitória do *Partido Agrário Democrático* que o problema gaugaze começaria a dar movimentos para a sua resolução.

Do mesmo jeito que Mircea Snegur e outros líderes moldavos usaram o movimento nacional nos últimos 80 para suplantar os seus rivais no interior das estruturas estatais e de partido em Chinesau, os líderes locais em Comrat visavam a mobilização popular dos gaugazes como um veículo útil para extrair concessões políticas e económicas do governo central. A língua e os símbolos empregados polos gaugazes pareciam apontar para a separação da Moldávia mas a demanda essencial era, de facto, maiores quotas do controlo local que Chinesau tinha começado a arrancar de Moscovo. A lei sobre a autonomia gaugaze promulgada em 1995 criava "umha unidade territorial autónoma" como "a forma de autodeterminação para os gaugazes" e como "umha parte integrante da república de Moldávia." Como a população gaugaze apresentava certa dispersão, foram realizados referendos nas diferentes localidades para dirimir a sua pertença a esta nova entidade. Três seriam as línguas oficiais, gaugaze, moldavo e russo e em caso de "umha troca no estatuto da República de Moldávia"- presumivelmente, a união com Roménia- os gaugazes reteriam o direito a determinar o seu próprio destino. Enfim, esta cláusula colocava às forças unionistas em Chinesau e Bucareste um grande desincentivo para qualquer movimento em direcção à unificação. Após 1995, a região gaugaza nom representou um problema para Chinesau.

Quanto à Turquia, reconheceu a independência moldava e dous meses depois estabeleciam-se relações diplomáticas plenas. Em 1994 assinaram-se acordos de cooperação económica, comércio e projectos de desenvolvimento económico. O presidente turco Süleyman Demirel foi o primeiro alto mandatário em visitar a Moldávia independente e, entre outros aspectos, anunciou umha ajuda orçamental que em boa medida ia ir destinada às infra-estruturas do território gaugaze. Na visita ao território falou dele como "umha sólida ponte de amizade entre Turquia e Moldávia".

Através da sua embaixada em Chinisau, assim como da Agência Turca pola Cooperaçom e o Desenvolvimento, Ancara agilizou apoios significativos no terreno financeiro e educacional aos gaugazes em 1991. Perto de 200 estudantes preencheram vagas nas universidades turcas no curso 1992-93, número que se manteve em anos vindouros. Reciprocamente, estudantes e professores turcos acudiram a Universidade de Comrat. Dinheiro turco financiou também as livrarias turco-gaugazes e numerosos projectos de intercâmbios entre artistas, músicos e apresentadores de TV. Para a transiçom ao alfabeto latino, Ancara doou umha equipa íntegra de imprensa. A escola superior aberta em iadir-Lunga foi fundada por fontes privadas, provavelmente ligadas indirectamente polo líder religioso turco Fetullah Gülen. Os gaugazes tornaram, enfim, em tema de interesse para os intelectuais turcos e numerosos livros viram a luz.

A implicaçom turca em Moldávia nom foi bem-vinda por todos. As mais extremas façoms pan-romenas no parlamento moldavo foram altamente críticos razoando que se se fortalecerem os laços com a Turquia, encorajaria as ánsias independentistas gaugazes por umha plena federaçom da República Moldava. Porém, o papel da Turquia permaneceu muito moderado, e se de algo provavelmente serviu aos interesses moldavos foi para prover umha alternativa a Rússia como um pólo natural de aliança para os gaugazes.

Desde 1995, nem desde as elites gaugazes há interesse em ressuscitar as demandas separatistas de 1989/90 nem desde a alta política moldava se visiona retroceder na legislaçom autónoma.

Por fim, as recentes exploraçoms por umha companhia petroleira norteamericana na procura de gás natural coloca a especulaçom de tornar-se a regiom uns futuros emirados do mar Negro.

IV) Um nacionalismo negociável.

As terras moldavas orientais, tanto antes como depois da anexaçom da Bessarábia, estavam povoadas amplamente por camponeses analfabetos com poucos laços com as cidades cosmopolitas. Eles estiveram separados politicamente do grupo co-étnico mais próximo - os romenos- nas duas últimas centúrias ou mais, e estiveram ausentes dos pontos históricos fulcrais da formaçom da consciência nacional romena. Eles foram objecto de políticas culturais contraditórias: russificaçom no Império russo, romanizaçom no período de entre-guerras, russificaçom descontínua na Moldávia autónoma e sovietaçom plena no período soviético.

Na Moldávia post-soviética as políticas de identidade tornárom mais complexas. O FPM veio ser dominada pola asa pan-romena o que provocou a reacção das minorias étnicas até que, as próprias disputas internas no Frente permitírom a emergência da elite de partido e a velha agricultura, agora transformados em defensores da soberania moldava. Um estado independente moldavo é agora mais um elemento das políticas europeias. A uniom com Roménia tem mesmo perdido atractivo. Para os moldavos, a promessa de uniom com umha economicamente desesperada Roménia acarretava poucas vantagens. Para os romenos, receber no seu seio a ucranianos e russos era dificilmente umha proposição atraente. Ainda mais, como a Moldávia continuou a desenvolver as estruturas de um estado independente e a produzir novas gerações de líderes com lealdade ao Estado moldavo, e nom a qualquer nação transfronteiriça, a independência tornou mesmo mais atractiva. Por que ser Presidente da Câmara de Chisinau, decorre a lógica, se podes ser presidente de Moldávia?